

movi men tos

Antonio Carlos Castrogiovanni

Ivaine Maria Tonini

Nestor Andre Kaercher

Roselane Zordan Costella

Organizadores

para ensinar geografia - revoluções

C&A Alfa

Comunicação

VOLUME

V



**C&A ALFA
COMUNICAÇÃO**

Presidente

Luiz Carlos Ribeiro

Revisão geral

Paulo Maretti

Capa

Simone Rocha da Conceição

Projeto gráfico

Adriana da Costa Almeida

Conselho Editorial

Andréa Coelho Lastória (USP/Ribeirão Preto)

Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (UNESP/Ourinhos)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (UFT)

Denis Richter (UFG)

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)

Lana de Souza Cavalcanti (UFG)

Loçandra Borges de Moraes (UEG/Anápolis)

Míriam Aparecida Bueno (UFG)

Vanilton Camilo de Souza (UFG)

movi men tos

Antonio Carlos Castrogiovanni

Ivaine Maria Tonini

Nestor André Kaercher

Roselane Zordan Costella

Organizadores

para ensinar geografia - revoluções



GOIÂNIA, GO | 2021

© Autoras e autores – 2021

Organizadores

Antonio Carlos Castrogiovanni
Ivaine Maria Tonini
Nestor André Kaercher
Roselane Zordan Costella

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei n. 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Catalogação na Fonte

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
(Filipe Reis – CRB 1/3388)

M935 Movimentos para ensinar geografia – revoluções / Antonio Carlos Castrogiovanni ... [et al.] (Org.). – Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2021.

240 p. : il. – (Movimentos, v. 5).

ISBN: 978-65-89324-19-5 (papel)

ISBN: 978-65-89324-16-4 (e-book)

1. Geografia - Ensino. 2. Geografia escolar. 3. Aprendizagem de Geografia. 4. Representações sociais do espaço. 5. Imagens no ensino de geografia. I. Castrogiovanni, Antonio Carlos. II. Série.

CDU: 37::91



Ensino de Geografia e Turismo: aproximações e/ou distanciamentos

Teaching geography and tourism: approaches and/or distancing

*José Ricardo Gomes dos Santos;
Antonio Carlos Castrogiovanni*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo central investigar possíveis relações entre o ensino de Geografia e o Turismo. De caráter teórico, procura analisar algumas propostas e pesquisas já desenvolvidas nesse âmbito interdisciplinar. Apresenta caráter ensaístico de cunho analítico-descritivo. Ao longo do texto são estabelecidas relações entre os conceitos de Espaço Geográfico, Turismo, Espaço Turístico e Patrimônio. Não visa uma conclusão propriamente dita, mas reflexões que colaborem no avanço das outras prováveis investigações, descobertas e proposições. Em diálogo com o Pensamento Complexo de Morin (2011, 2015), buscamos uma aproximação na abordagem das temáticas sob a égide de alguns dos princípios da Complexidade. A análise provisória atende ao caráter processual que valoriza a ideia de que as verdades são muitas e provisórias e as dúvidas constantes. Nesse momento, acreditamos que há significativas possibilidades teórico-práticas em relação aos temas trabalhados. A pesquisa contribui para aproximar o conhecimento acadêmico aos escolares e diminuir a distância entre teoria e práticas.

Palavras-chave: Complexidade. Ensino de Geografia. Espaço Geográfico. Espaço Turístico.

Abstract

This article aims to investigate possible relationships between the teaching of Geography and teaching of Geography and Tourism. Theoretical in nature, it seeks to analyze some proposals and

already developed in this interdisciplinary field. It has an essay character of a descriptive analytical nature. Throughout the text, relationships are established among the concepts of Geographic Space, Tourism, Tourist Space and Heritage. It does not aim at a conclusion, per se, but in reflections that collaborate in the advancement of other probable investigations, discoveries, and propositions. In dialogue with the Complex Thought of Morin (2011, 2015), we look for an approach in addressing the theme under the aegis of some of the principles of Complexity. The provisional analysis meets the procedural character that values the idea in which truths are many and provisional and that doubts are constant. At this moment, we believe that there are significant theoretical and practical possibilities in relation to the themes worked on. The research contributes to bringing academic knowledge closer to the students and to reduce the distance between theory and practice.

Keywords: Complexity. Teaching of Geography. Geographic Space. Tourist Space.

Partilhamos do pressuposto de que, em alguma ocasião, a maioria de nós passa pela experiência de ser turista¹. Talvez, aquele que busca necessariamente deslocar-se por lugares, no intuito de viver experiências em momentos geralmente predefinidos, distintos daqueles comumente praticados no seu cotidiano, pode ser considerado um turista. O fato é que, seja ou não na condição de turista, dependemos dos mais variados deslocamentos, dentre os quais destacamos os fluxos energéticos, informacionais, comerciais e populacionais. As intencionalidades podem variar de acordo com aquilo que buscamos para satisfazer a nossa vontade. Estas não dependem somente da decisão de cada sujeito, pois envolvem variáveis do conjunto socioespacial, tais como os locais para lazer, esporte, entretenimento, estudo, consumo e contemplação.

Reconhecemos que compreender a dimensão espacial dos eventos² implica dar sentido ao que, num primeiro olhar, parece ser banal. Pois bem, é no Espaço Geográfico que os múltiplos eventos são (re)produzidos pela

1 Conceito polissêmico associado ao ato temporário daquele sujeito que viaja em busca de novos prazeres afetivos e/ou profissionais distintos da sua realidade. Segundo Rodrigues (1999, p. 89), “o homem urbano é que constitui o chamado *Homo turisticus* ou *Homo viajor*”.

2 Para Milton Santos, os eventos obedecem a princípios organizacionais, o que pressupõe interdependência “na sua instalação, no seu funcionamento e no respectivo controle e regulação. Dessa organização vão depender, ao mesmo tempo, a duração e a amplitude do evento. Do nível da organização dependem a escala de sua regulação e a incidência sobre a área de ocorrência do evento” (SANTOS, 2017, p. 149).

interface dialógica entre os fenômenos físico-naturais e socioculturais que constituem a temporalidade e manifestam as geograficidades.

A Geografia é a ciência que estuda, interpreta e propõe uma compreensão dessa interface. A Espacialidade e a Temporalidade são conceitos analíticos, muitas vezes abstratos, que fundamentam o raciocínio geográfico pelo resultado provisório daquilo que inscreve certa objetividade e subjetividade dos objetos e das ações nos seus diversos tensionamentos.

Enquanto fenômeno social, o Turismo pode ser compreendido como produto e produtor de arranjos territoriais (re)construídos pelo trabalho humano estabelecido de acordo, ou não, com uma base físico-natural disponível, por isso passível de análise espaço-temporal. Dado que é na relação complexa sujeito-espaço que a vida se processa, o Turismo representa um significativo reflexo desse tecido na contemporaneidade. Gastal e Moesch (2007, p. 11) nos convidam a fundamentar a nossa compreensão ao definirem que “o Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos”.

Desse modo, este artigo se propõe a investigar aproximações teórico-metodológicas entre o ensino de Geografia e o Turismo enquanto possibilidade de ensinar e entender a complexidade do Espaço Geográfico pela apropriação dos objetos e das ações que compõem o patrimônio local, por meio dos seus significados, por vezes, (des)considerados por turistas e por residentes locais, entre estes últimos, em especial, professores e alunos. O palco para a nossa pesquisa é a cidade de Olinda, no estado de Pernambuco.

Cientes da função que o professor de Geografia precisa desenvolver enquanto mediador na leitura do mundo, pode propor, inclusive, um outro olhar com relação aos atrativos turísticos que auxiliam a existência dos lugares. Enquanto Patrimônio possivelmente pertencente à relação dos sujeitos com o espaço vivido, esses atrativos podem contribuir para melhor compreender e (re)significar as práticas sociais comunitárias das localidades, por vezes, afastadas dos seus múltiplos significados, o que os torna “sem importância”.

Pensamos que o sentido de pertencimento do sujeito a algo depende do grau de atenção dado ao significado que os seus elementos possuem enquanto resultado e resultante do processo histórico socioespacial.

Em busca de abordagens teórico-metodológicas, analisamos pesquisas desenvolvidas a respeito das convergências pedagógicas entre Turismo e Geografia a partir de Castrogiovanni (2013); Costa (2017); Pimentel e Dorfman (2010); Rodrigues (1991); e Soller e Castrogiovanni (2014).

Assim, a condução dessa contribuição assume a característica procesual, não de finalidade em si, atestando o seu caráter provisório.

Ensino de Geografia, Turismo e o espaço turístico

Partimos da concepção de que o Espaço Turístico é configurado como mais uma dimensão social do Espaço Geográfico. De uma perspectiva geral, os seus elementos constituintes representam um conjunto de objetos e de ações vinculado, em maior ou menor grau, à totalidade que compõe a (des)organização espacial.

Segundo Rodrigues (1991), as dificuldades para definir melhor o conceito de Espaço Turístico “está basicamente em captar o peso e a força que essa atividade possui na produção do espaço”. Destarte, o turismo se manifesta pela concorrência com outras atividades, o que supõe certa hierarquização dos fatores de que depende esse fenômeno.

Outra possibilidade analítica sugere que uma leitura que se aproxima da compreensão do Espaço Turístico como sendo “uma instância híbrida do Espaço Geográfico”, quer seja “no tecido urbano ou rural, parece possibilitar o *nascedouro* de um novo lugar, que nos atrevemos a denominar de entre lugar (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 382). Esse novo lugar, ao remeter a uma novidade, seja esta material ou uma observação de descoberta simbólica, pode implicar em expectativas sociais com interações que podem refletir reações de encantamento e/ou estranhamento devido à sua lógica funcional.

Repensando a construção da noção de espaço, caberia evidenciar, num primeiro momento, os principais elementos do Espaço Turístico. A Ilustração 1, baseada em Rodrigues (1991), indica quais são esses elementos.

Ilustração 1 –



Fonte: os Autores.

Ora, seria o ensino de Geografia um meio pelo qual o sujeito tornaria possível significar esses componentes de acordo com sua realidade socioespacial, ou não? Num primeiro momento, parece interessante fazer indagações iniciais ao questionar, por exemplo, se há aspectos mais relevantes do que outros e por quê. Nesse caso, poder-se-ia contribuir com a observação e a compreensão inicial das noções da organização espacial local, revelando-se que a dinâmica geográfica se dá por princípios analíticos distintos, tensos, concorrentes e complementares.

A organização espacial voltada à prática do Turismo nas cidades, a princípio, poderia ser um interessante caminho no entendimento de por que o traçado urbano apresenta uma Paisagem com certas formas e funções, despertando certos interesses em detrimento de outros.

A ordenação urbana compreende o processo de organização dos elementos que compõem o espaço urbano de acordo com o estabelecimento de relações de ordem, com base na construção de uma hierarquia de valores, no caso, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento das atividades turísticas (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 382).

Essas atividades, mesmo que apresentando aspectos comuns entre si, como a oferta de informações turísticas em estabelecimentos públicos, por exemplo, é indissociável da realidade social em si. Ou seja, além do turista interessado nessas informações, o residente também pode despertar interesse por esses serviços. Para tal, precisa ter conhecimento de sua oferta. O papel educativo nesse caso parece ser uma janela valiosa de acesso ao conhecimento; no nosso caso, através do ensino da Geografia.

Em relação ao estudo do trabalho realizado por Pimentel e Dorfman (2010), foi justamente pela experiência didática gerada pelo encontro do ensino da Geografia e do Turismo que nos interessamos. O projeto reúne propostas de exploração da Região Metropolitana de Porto Alegre. Para tal, foram utilizados os conceitos de espaço, território, lugar, bairro, memória, roteiro, atrativo turístico etc. Teve como proposta final o “Guia dos Bairros de Porto Alegre”.

É pertinente, nesse momento, reforçar o caráter prático-reflexivo a respeito da inter-relação dos campos da Geografia com os do Turismo na perspectiva educacional. Pode ser uma oportunidade de imprimir significados para nossas viagens, sejam elas curtas ou longas, para outro país ou para o bairro vizinho.

O crescimento do Turismo nas últimas décadas, em especial no pós-Segunda Guerra (RODRIGUES, 1991), está associado à expansão urbana condicionada pela (re)organização da sociedade. Assim,

o Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 11).

A busca do prazer atualmente vem passando por reformulações comportamentais. Os valores dos sujeitos visitantes e dos visitados estão vinculados cada vez mais às necessidades e normas estabelecidas na cultura local e globalmente assumidas. Nesse sentido, os visitantes carregam consigo experiências de alhures, o que nem sempre pode ser aceito e articulado com a realidade dos visitados. Por sua vez, os anfitriões poderão em outra ocasião repetir tal ação, agora na condição daquele que se desloca da sua lógica espaço-temporal para outra de seu interesse.

Para nós, surge uma questão: seria papel do professor de Geografia problematizar os deslocamentos diários dos seus alunos casa-escola, por exemplo, sendo que grande parte desses sujeitos reside em um bairro distante em relação ao da escola na qual estuda? O que esses afastamentos pendulares poderiam revelar sobre a relação de pertencimento dos alunos com a escola, os colegas e o entorno espacial? E quando ele se realiza por meio de monumentos que compõem o Patrimônio cultural que é comunicado na oferta turística? Pensamos que a resposta, mesmo provisória, dessas questões poderia ser um caminho para despertar nos alunos a consciência de uma cidadania local que também se faz global.

Segundo Castrogiovanni (2000, p. 81), “no ensino da Geografia, o local e o global formam uma totalidade. A partir das representações dos lugares, o aluno forma o ideário que envolve a totalidade indissociável do espaço geográfico”. O professor de Geografia pode ajudar o seu aluno a se perceber representante e representado do/no mundo por meio das linguagens cartográfica, musical, artística, fotográfica, cinematográfica, entre outras. Pelo processo reflexivo, o aluno pode fortalecer a sua consciência individual e coletiva ao ampliar a capacidade de dialogar com o lugar-mundo que está experienciando.

A percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado também de relações de afetividade e referência sociocultural. O espaço deve ter uma interatividade processual, onde interagem fatores naturais, culturais, históricos, sociais, econômicos, políticos, ou seja, a totalidade que é a vida (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 82).

Na interatividade processual, cada sujeito e/ou coletividade reconheceria aquilo que o vincula ao domínio local. Por sua vez, essa escala geográfica está articulada em maior ou menor medida com os processos globais. O estímulo baseado em meios e ferramentas capazes de provocar o desenvolvimento

sensorial dos sujeitos pode contribuir para um constante aprimoramento da percepção espacial. As múltiplas linguagens conhecidas, além das que porventura vierem a ser desenvolvidas, se oferecem como importantes possibilidades de ensino e aprendizagem da Geografia.

O grau de referência sociocultural que um sujeito ou um grupo possui depende da herança material e imaterial presente na paisagem atual, produzida pelas gerações antecessoras, comumente (re)produzidas pelas atuais sob a ideia de Patrimônio. Essa interpretação parece convergir para o que Milton Santos compreende por rugosidade, ou seja, para “o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 2017, p. 140).

Diversos lugares turísticos no Brasil e em outros países constituem-se em territorialidades³ onde se encontra preservada parte do Patrimônio. Não obstante, o funcionamento e a representatividade deste, contudo, não raramente é visto somente como produtos a serviço comercial da demanda turística. Nesse caso, a relação da comunidade local pode se tencionar devido ao distanciamento real e simbólico provocado pelo pouco ou nenhum acesso a esses serviços, provocado em grande medida pela ausência de políticas públicas por parte dos governos. É aquilo que pode fomentar uma lógica colonialista, pois:

O local aparece como espaço privilegiado da diversificação e da tradição, mas agora os patrimônios naturais e culturais locais estariam conectados com todo tipo de fluxos internacionais. As lógicas coloniais e colonizantes desses fluxos levam ao conflito entre o local, que procura preservar suas identidades, e o global, a impor sobre os lugares práticas de um turismo de larga escala, portanto não sustentadas ou sustentáveis (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 13-14).

Às tensões socioespaciais de abrangência local foram agregadas as de ordem global e vice-versa. A lógica das redes pode aproximar, assim como afastar, o vínculo social dos sujeitos com o lugar visitado e/ou habitado. O compromisso assumido pelos sujeitos, governos, empresas, ONGs, escolas, entre outros, indicará como os conflitos serão superados ou aprofundados. A formação em cidadania mostra-se como uma potente estratégia de ação entre as múltiplas dimensões da vida.

Novamente, retornamos ao ensino de Geografia. Não é a escola também um espaço para se discutir e promover o respeito à dignidade humana, acentuados nos direitos e deveres humanitários? O acesso ou restrição a

3 Segundo Haesbaert (2010, p. 22), “a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais”.

determinados lugares públicos e privados depende ou não da concepção política do espaço, ou seja, da geografia política? Se temos liberdade de circulação, o que nos impede de experimentar, vivenciar e conviver em espacialidades e temporalidades fora da rotina diária? Outras perguntas podem emergir.

Parece-nos que as disputas territoriais se acentuaram com a globalização, inclusive pelos/nos lugares turísticos. Costa (2017), ao propor outra epistemologia e prática do turismo, lembra sobre a questão da baixa participação das classes populares e periféricas em alguns países da América Latina, incluindo o Brasil, nas políticas públicas de ampliação do patrimônio-territorial. Nesse sentido, defende o autor:

A ativação popular do patrimônio-territorial depende de elos conectores constituintes de uma rede nova ou o que já se tratou por “rede patrimonial utópica”, a qual deve agregar bens instituídos e não instituídos na elaboração de um mais amplo território simbólico e de atração turística até às periferias. Reforça-se a tese defendida “da necessidade de renúncia dos centros antigos ou tradicionais como as ‘únicas’ referências memoriais da cidade” (COSTA, 2017, p. 66).

Com essa ativação popular, parece haver uma proposta contra-hegemonica, ou pós-colonial, sem, contudo, desconsiderar o papel dos locais de bens instituídos como necessários, mesmo que contraditórios, na agregação de valor atrelado à ampliação de uma provável rede patrimonial utópica.

Evidenciamos outra postura social no uso e consumo do espaço. É nesse sentido que “nunca, como agora, houve tanta necessidade de um saber competente, para reinterpretar a lição dos objetos que nos cercam e das ações de que não podemos escapar” (SANTOS, 2017, p. 227). É pelo ensino da Geografia, por meio da leitura da Paisagem, que também acreditamos, nesse momento, ser uma possibilidade a busca desse saber competente por parte daquele que atribui sentido à vida da sociedade em geral, e dos sujeitos alunos e professores em particular.

Nas palavras de Soller e Castrogiovanni (2014, p. 210), “é preciso tomar a paisagem, o patrimônio e o lugar como inserção do sujeito no mundo, tanto o seu mundo como o compartilhado com os demais”. Ou seja, há uma urgente e real necessidade de ressignificação do território usado para assim ser valorizado. São as rugosidades de cada lugar que se apresentam como a herança social e territorial do processo de transformação espaço-temporal, sintetizada na paisagem pelo trabalho humano e sua configuração físico-natural.

Na fase atual da globalização, o consumo desenfreado de produtos tem gerado um aumento na demanda por mais recursos naturais, serviços de transporte, comércio, trabalho e renda. Os impactos ambientais vêm alertando, já há algumas décadas, para os danos gerados nos seres vivos e nos elementos

abióticos. A espécie humana atua como principal agente de âmbito social na transformação desses espaços.

O Turismo, compreendido como fenômeno social de alcance multiescalar, faz parte dessa conjuntura em transformação. Parece não ser uma instância independente. Pelo contrário, talvez apresente um grau de vulnerabilidade maior do que outros fenômenos, devido aos seus aspectos dialógicos de solidariedade e concorrência socioespacial.

Para os autores Soller e Castrogiovanni (2014, p. 211), “o ensino de Geografia e o Turismo, em diálogo, têm potencial de exercer várias funções: fruição, conhecimento crítico, informação, educação, compreensão, desenvolvimento de vínculos de subjetividade, sonhos etc.” Por meio da leitura geográfica do Turismo podemos comunicar analiticamente essas distintas variáveis funcionais, buscando a compreensão espacial dos seus fatos e desdobramentos apresentados na Paisagem, mesmo que provisoriamente. Logo, seria necessário, nesse sentido, além da premissa dos princípios geográficos, abordá-los numa perspectiva que se fortaleça do/no Pensamento Complexo (MORIN, 2015).

A doença da covid-19 causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 apresenta características de um vírus viajante, um vírus que é local e global simultaneamente. Até o desenvolvimento de uma vacina eficiente e confiável, de acordo com os epidemiologistas, a solução mais eficiente para conter a disseminação do vírus é o isolamento social. Os destinos turísticos em todo o mundo vêm sofrendo baixa demanda de pessoas, impactando assim nas economias locais e nas dinâmicas socioespaciais.

O isolamento social passou a ser considerado, também, como exercício de cidadania, empatia e responsabilidade, ao mesmo tempo que passou a expor ainda mais as distintas violências, traumas e ansiedades nos planos individual e coletivo. O fato de vivermos o estranhamento causado pela nova situação desta vez não é por conta dos deslocamentos tão praticados pelos turistas e não turistas, mas por significativa redução da mobilidade social.

Em uma perspectiva que visa a trocas e aproximações comunitárias, concordamos com o princípio de que “os moradores do local devem ser ouvidos, por meio de metodologias participativas, e respeitados por serem capazes de, muitas vezes, indicar caminhos ao planejador com seu saber real” (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 48). Esse saber real é, também, (re)produzido na escola e (re)introduzido nas outras instâncias sociais. O ensino de Geografia poderia ser capaz de aperfeiçoar a participação dos sujeitos, a ponto de agregar significado no vínculo, ou não, com o Patrimônio distribuído pelo território.

Pensamos ser um caminho possível, no estabelecimento de tal possibilidade, o movimento de pensar e agir sob a perspectiva do princípio dialógico⁴.

Na tentativa de inserir tal perspectiva no contexto escolar, o saber empírico do aluno pode indicar alguns caminhos para o planejamento das aulas pelo professor. Desse ponto de vista, o saber real dos alunos seria uma espécie de roteiro dinâmico e dialógico dos seus próprios percursos. Dar sentido a essas práticas passa pela sensibilidade e pelo compromisso docente. Afinal, “a todo momento percebemos a presença do mundo em nossas vidas, no trabalho, na alimentação, no vestuário, na notícia que invade nossa casa e interfere em nosso dia a dia” (CALLAI, 2000, p. 111). Pela capacidade perceptiva, podemos conceber, ou não, os objetos e os significados de uma dada realidade.

Estudar o Patrimônio de um lugar sugere outra (re)significação no modo como compreendemos as transformações socioespaciais próximas e distantes da nossa realidade. O ensino de Geografia possibilitaria conectar tudo àquilo que se constitui Patrimônio, na condição de Paisagem, pela textualização das imagens, das interpretações, dos vínculos e das repulsas. Esse seria um caminho, em meio a tantos outros, de se apropriar das/nas heranças do/no território, dando-lhe sentido de uso mais consciente e consistente por parte dos sujeitos.

As escolas são espaços de relações passíveis de harmonia e de conflito, podendo dificultar e/ou facilitar o processo de ensino e de aprendizagem entre os sujeitos. Se pensarmos sobre um contexto social onde a cultura de reconhecimento do Patrimônio está fortemente atrelada ao fenômeno turístico, temos que reconhecer o papel do ensino de Geografia na apropriação dessa qualidade. Pela análise geográfica desse processo, podemos avançar em direção à problematização de outros componentes territoriais indispensáveis, incorporando-os aos conteúdos escolares selecionados pelo(a) professor(a) em diálogo com os alunos.

Para nós, o planejamento turístico assumido pelos habitantes, planejadores, governantes, empresários, comerciantes e outros agentes interessados, deveria dar mais atenção à formação cidadã das atuais e futuras gerações. Nesse sentido, o ensino de Geografia na escola seria um significativo instrumento de leitura e compreensão do Turismo na articulação com o Patrimônio, este cada vez mais requisitado por aquele enquanto atrativos.

Por sua vez, os atrativos turísticos estão vinculados em historicidades que ultrapassam a característica de bem de consumo apenas, desempenhando, também, função educativa, informacional, cultural e territorial. Com isso, os interessados, para além daqueles sujeitos advindos de outros lugares para

4 “O Princípio Dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos” (MORIN, 2015, p. 74).

visitar e consumir, seriam ampliados em direção às necessidades dos habitantes locais, que também demandam lazer, informação, atividade educativa, compra, contemplação, entre outras possibilidades. Desse ponto de vista, o caminho em direção à cidadania estaria sendo traçado pela oportunidade de acesso a esses equipamentos espacialmente distribuídos.

Colocar os moradores das cidades em movimento – assumindo sua condição de fluxos – para fora de suas práticas rotineiras será uma prática a ser incentivada, num mundo marcado pelos nomadismos. Este movimento irá transformar as pessoas em *turistas*, que irão, no deslocamento, apropriar-se com maior competência dos espaços e situações, num novo exercício de cidadania (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 59-60).

Ora, o ensino de Geografia pode ser uma via importante na sensibilização do olhar e do ler esses movimentos como parte integrada de uma sociedade que se apresenta geograficamente particularizada. Desse modo, talvez o sujeito aluno esteja desenvolvendo sua cidadania simultaneamente à coerência sobre ele exigida como produtor, e também produto, de práticas e efeitos socioespaciais.

No caso do tecido urbano, podemos partir da análise da sua configuração dos objetos fixos – praças, parques, igrejas, monumentos, casarios, ateliês, museus entre outros –, conferindo as formas do patrimônio material. Conjuntamente estariam as ações, resultantes e resultado de ideias, comportamentos, energias, ruídos, músicas, atitudes, festas e informações que caracterizariam os fluxos da paisagem urbana. A dialógica entre esses elementos poderia, talvez, sintetizar o papel desenvolvido pelo aluno na leitura, compreensão e atuação no Espaço Geográfico.

A partir desse processo, o sujeito pode elaborar o raciocínio geográfico pautado em referências articuladas à vivência. Com isso, pode descobrir novidades locais capazes de convencê-lo a valorizar o lugar. Seria aquilo que, talvez, se aproximasse da concepção de cidadão turista, já que para este “os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se relação de pertencimento e identificação” (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 60).

Para acontecer uma relação de pertencimento, mesmo que provisória, parece ser imprescindível a valorização da diversidade dos objetos e das ações que compõem o Espaço Geográfico e que são materializados por meio dos sentidos dos sujeitos. Isso porque, sem esse olhar analítico, as partes singulares que compõem esse conjunto poderiam ser negligenciadas e desarticuladas de valores sociopolíticos, culturais e geocológicos indispensáveis de seus contextos. Pela ampla gama de valores e situações distribuídas geograficamente, as singularidades se fazem presentes como paisagens de resistência, de tensão e de estranhamento.

Assim, se “a construção da identidade é a tomada de consciência de que eu sou diferente e por ser diferente é que existo e possuo valor social” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 15), valorizar e preservar o patrimônio local pode possibilitar que essa consciência se reflita em responsabilidade cidadã, seja no plano individual ou no coletivo.

Nesse caso, a valorização do Patrimônio está diretamente vinculada à construção da identidade social. Vale sublinhar que a concepção de Patrimônio não se limita aos bens materiais, mesmo que essa leitura ainda esteja rotineiramente vinculada. Os bens imateriais que se configuram pelas expressões/manifestações culturais de determinado lugar são os fatores que complementam e dão maior sentido de identidade aos sujeitos. Conceber esses aspectos, talvez, ajude a ampliar o diálogo com o mundo, este como resultado e resultante de uma multiplicidade social construída no Espaço Geográfico.

Um encaminhamento interessante parte da premissa de que “todo o trabalho espacial deve conter o sentimento de provocação dos ‘porquês’, ‘para quês’ e ‘para quem’. O ‘quando’ e o ‘como’ são indispensáveis no entendimento do processo” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 16).

O sujeito aluno, ao ser provocado pelo professor desse modo, pode desempenhar o seu protagonismo sentindo-se pertencente. Ao tratar dos atrativos turísticos locais, textualizando-os como sendo parte integrante do Patrimônio, o estudo da Paisagem merece considerável empenho. Olhar e ler a Paisagem pode ser um passo importante no fortalecimento da relação responsável do sujeito com o lugar.

A seguir, os autores procuram demonstrar alguns pontos (in)comuns que envolvem tanto a Geografia quanto o Turismo nesse processo, pois

se interessam pela singularidade das paisagens como fruto da apropriação social do espaço, ou seja, pela forma em que as relações sociais se manifestam concretamente. Há um movimento contraditório em que o turismo ao mesmo tempo que se vale das singularidades e da valorização dos lugares como um patrimônio, inclui aquele território em um sistema técnico científico informacional unificado, conduzindo a desintegração de grande parte das práticas e valores sociais anteriores (PIMENTEL E DORFMAN, 2010, p. 246).

Seria o movimento contraditório refletido também pelo Turismo o único fator de desarticulação e/ou valorização dos lugares como Patrimônio, ou seria o fenômeno turístico produto e produtor de uma dimensão do tecido geográfico em transformação socioespacial? Talvez neste momento não tenhamos uma única resposta, mesmo que provisória, para tal questão. Estamos buscando propor uma análise geográfica atenta à complexidade da questão, pela qual defendemos sua inserção, também, sob a perspectiva da Geografia Escolar. Não obstante, indica nossa intenção em promover parcerias entre

universidade-escola/escola-universidade para o fortalecimento do ensino e da aprendizagem sob o modo de pensar e sentir da Geografia.

Algumas considerações não finais

Buscamos com este artigo apresentar algumas possibilidades teóricas na relação entre o ensino da Geografia e o Turismo. Baseando-nos nas fontes pesquisadas, podemos constatar que existem interessantes possibilidades, pois as ideias, as propostas e as ações cumprem um conjunto de experiências – práticas e teóricas –, que contribuíram para o avanço da temática. Por sua vez, pensamos que outros caminhos possíveis em associar o ensino de Geografia e Turismo não somente dependem do contexto em que tal ou qual comunidade escolar esteja localizada, mas também de como os professores de Geografia consideram essa dimensão interdisciplinar nos estudos geográficos realizados na educação básica.

Nessa interface, a perspectiva de valorização do Patrimônio busca incorporar um sentido que visa atrair ou, talvez, chamar atenção para o quanto os bens materiais, imateriais e naturais estabelecem conexões locais e globais vinculadas ao modo de vida e de apropriação do território por parte dos seus múltiplos atores socioespaciais. A ideia de Patrimônio estaria relacionada à(s) qualidade(s) localizáveis de acordo com os aspectos histórico-culturais do território. A identidade social do lugar dependeria da assimilação dos seus aspectos qualificáveis espacialmente pela (re)significação deles por meio da análise geográfica.

Parece-nos pertinente ampliar o modo como olhamos e lemos a Paisagem. Esse direcionamento analítico contém e está contido na totalidade que se aproxima da complexidade de relações socioespaciais próximas e distantes, exigindo o constante exercício dialógico do olhar de perto e de longe, bem como do estar longe e que se materializa por perto. O exercício da cidadania também depende da habilidade de dialogar com o mundo pela observação e pela compreensão da Paisagem cotidiana.

O pensador Morin (2011, p. 67) ainda nos lembra que “todas as culturas têm virtudes, experiências, sabedorias, ao mesmo tempo que carências e ignorâncias”. Ampliar nossas possibilidades na análise das questões envolvendo a relação do Turismo com o ensino de Geografia e do ensino de Geografia com o Turismo parece ser um caminho vasto de desafios. O Patrimônio seria aquilo que agregaria para esse caminho as estradas vicinais que possibilitariam atravessar para além do trajeto já instituído. Ir além requer observação atrelada à problematização. A ação investigativa estabeleceria vínculos com ambas, na medida em que estivesse condicionada pelas categorias: *Onde? Como? Por quê? Quando? Para Quem?*

Provavelmente não haveria apenas um caminho possível. Como também seriam provisórios aqueles descobertos. Isso porque o Espaço Geográfico implica dinamicidade nos processos que o constituem. Essa abstração se revela na Paisagem pelas suas formas e suas funções conexas, porém distintas. A globalização promove as tensões no/do Território cujas singularidades culturais, materiais, naturais os lugares podem ou não manter dialogicamente com as transformações. Evidenciar o elo do uno/local com o múltiplo/global sem ser, por sua vez, realizado de modo estanque e ordeiro necessariamente pode propiciar um outro modo de pensar e solucionar os problemas da vida.

O fenômeno turístico está próximo e distante de todos nós, e é por essa dialógica que o ensino de Geografia se faz necessário para melhor compreendê-lo e propor prováveis atitudes que (re)direcionem a relação dos sujeitos com os lugares. A dimensão cidadã somente será alcançada com o compromisso do conjunto da sociedade. A escola enquanto parte significativa dessa engrenagem social deve garantir aos sujeitos que a constituem um protagonismo respaldado pela investigação científica, experiência empírica e participação cidadã. Nesse sentido, poderia, também, convergir para reduzir as brutais desigualdades socioeconômicas. Seria um passo em busca da cidadania plena comum a todos. Como nos recorda o poeta: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H, C.; KAERCHER, N, A. (Orgs.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo, organização e reconstrução do espaço urbano contemporâneo. **Rosa dos Ventos**, v. 5, n. 3, p. 381-389, 2013.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H, C.; KAERCHER, N, A. (Orgs.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- COSTA, Everaldo Batista da. 2017. **Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia**. Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía 26 (2): 53-75. doi: 10.15446/rcdg.v26n2.59225.
- GASTAL, S.; MOESCH, M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.
- HAESBAERT, Rogerio. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** (Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense), v. 9, n. 17, p. 19-46, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PIMENTEL, Maurício Ragagnin; DORFMAN, Adriana. **Colocar-se diante do mundo**: convergências pedagógicas entre Turismo e Geografia. Cadernos de Aplicação, v. 23, n. 2, 2010.

RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastreri. **Enfoque geográfico do espaço turístico**: algumas reflexões. Memória del III Encuentro de Geógrafos da América Latina. Toluca. Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática. UAEM, v. 1, p. 75-87, 1991.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.